POLITICA PARTICULAR

DE

BONAPARTE,

QUANTO Á RELIGIÃO CATHOLICA;

OU

Meios de que elle se vale para a extinguir; e subjugar os Hespanhóes pela seducção, já que os não póde dominar pela força.

HE SEU AUTOR

DOM PEDRO CEVALHOS,

EX-MINISTRO, E SECRETARIO D'ESTADO

D'ELREI FERNANDO VII.

Que presenciou, e manifestou a toda a Europa as atrocidades commettidas em Baionna no anno de 1808.

Impresso em Cadiz no mez de Dezembro de 1811.

Traduzido, e impresso em Lisboa em Março de 1812.

E reimpresso em Agosto

NO RIO DE JANEIRO.
NA IMPRESSÃO REGIA. 1812.
Com Licença.

Vende-se na Loja de Paulo Martin filho, Rua da Quitanda N. 34, por 960. rs.

AO POVO HESPANHOL.

AMados Compatriotas: como Catholico, não pude deixar de me resentir das offensas que Bonaparte fáz á nossa Santa Religião: como patriota, cumpro a sagrada obrigação de manifestar os artificios de que elle se vale para nos seduzir: e como fiel vassalo de Fernando VII. me julgaria réo de lesa-magestade, se ouvisse, como méro espectador, as injurias divulgadas contra a sua Real Pessoa.

Este Opusculo tão rezumido, como pedem as circumstancias, he o presente que vos dedica a minha amizade: pobre na verdade, em si; porém digno de estima pela intenção com que vo-lo offereço.

A Santa Religião he o primeiro de todos os bens, e comprehende sem duvida os mais consideraveis interesses dos homens. Não sendo a guerra instrumento congruente para a sua propagação, todavia a que se sustenta para sua defeza, he meritoria, he gloriosa, he santa. Vós supportastes, Hespanhoes, os desacertos do Governo anterior á guerra, assim como se soffrem as más colheitas: o vosso valor se explicou com os caracteres da constancia em soffrer; e este mesmo valor tomou os da indignação, e da vingança pela horrivel violencia, e atroz perfidia do Imperador dos Francezes. Este vos considerou como hum rebanho de ovelhas, que vagando pelos campos, na ausencia do pastor, ficão á discrição do primeiro que as apanha; porém sahio errado o cálculo da sua *politica particular*; pensou evitar huma guerra de gabinete, e encontrou huma guerra de nação. Bem sabe Bonaparte, que naquella se vence pela prevaricação de hum Ministro, ou pela corrupção de hum General; mas esta, nem entrou nos seus cálculos, nem ao menos pôde prever, que cada Juiz seria hum General, cada Senado da Camera hum Gabinete, e cada habitante

hum Soldado, e com todos estes não póde a corrupção! Na verdade, esta guerra he de Vandallos; e não podia entrar na imaginação dos politicos que escreverão, que aquelles não renascerião, porque não poderão pensar que naceria hum Bonaparte. Mas não ha meio, amados Compatriotas, ou haveis de combater aqui cubertos de loiros, e ricos de bençãos, pelos objectos mais dignos da vossa ternura; ou haveis de morrer em outras regiões cubertos de infamia, para sustentar os caprichos de Napoleão.

A guerra he longa, eu bem o conheço; não se lhe vê termo: tambem longa foi a guerra da successão que nos intereressava menos, e para escarneo da nossa orgulhosa sabedoria se terminou quando menos se pensava, pela disputa sobre hum par de luvas.. ¿ Mas que? Esse Deos de bondade, offendido na sua Religião, e nas suas creaturas ¿ terá decidido que aquella continue ultrajada, e a estas não lhe chegue jámais a época de consolação? Não, amados Compatriotas, a justiça divina conserva todos os seus direitos contra o perpetrador de tão grandes males: talvez sois vósoutros o instrumento eleito pelo seu poder, e não está longe o momento em que a ira de Deos devore este Colosso como huma palha. Então se nos restituirá o desejado Fernando, para que em prospera, e duradoira paz vivamos debaixo do doce imperio das leis, a cuja observancia nos conduzirá o poderoso exemplo d' ElRei.

Grandes, e mui sagrados são os objectos deste escrito; desempenha-los com a dignidade que merecem, he superior ás minhas forças; porém dos deveres para com Deos, para com a minha patria, para com o meu Rei, e para comigo mesmo, até onde os puder cumprir, ninguem atéqui me dispensou.

Poucos annos tinhão corrido, depois que Bonaparte entrára na honrosa carreira da milicia, quando o Directorio o nomeou General do Exercito de Italia, sobre cujas formosas, e privilegiadas Provincias elle derramou o estrago, a dessolação, e a morte.

Mui terriveis, e differentes são os males que produz o raio abrazador da guerra, e tão geraes que ninguem deixa de experimentar os funestos effeitos da sua terrivel actividade. Mas todos são poucos para saciar o coração sanguinario de Napoleão, deste inimigo de Deos, e dos homens. Quer elle que se sofra sem consolação, sem apoio, sem esperança em fim de huma melhor sorte; e como sabe que tudo isto se acha na terna, e compassiva Religião Catholica, por isso tem tentado todos os meios de a extirpar.

Já o Directorio tinha concebido o louco designio de destruir o que pelo testemunho da verdade he indestructivel; e Bonaparte, querendo mostrar, que não tinha merecido em vão a confiança daquelle corpo oligarchico, reduzio a systema os seus designios; formou o impio plano de arruinar a obra de Jesu Christo, e elegeo para apostolo da incredulidade ao Cidadão Servelloni.

Apresentar, debaixo das côres mais seductoras, as dúvidas que forjárão os incredulos, para impugnar as verdades da Religião Catholica, debilitar as provas que depõe a favor do Christianismo, como a vida, e morte admiraveis do seu Divino Author, a sabedoria, e santidade dos seus preceitos, a authoridade, e sublimidade das sagradas Escrituras, o testemunho dos Apostolos, o sangue de tantos Martyres, o cumprimento das profecias, a voz sonora dos milagres, a conversão do mundo inteiro, a perpétua, e inalteravel firmeza da Igreja, com tantas outras de grande pezo, ainda aos olhos da razão: taes são as atribuições da *sacrilega missão* de Servelloni, que para realizar tão vastos, e impios projectos, recebeo do mesmo Bonaparte as instruções seguintes.

Instrucção remettida ao Director Servelloni, pelo General Bonaparte, em 18 Brumario do anno V. da Republica Franceza, que a remetteo a 21 do dito mez ao Directorio. (Novembro 8 de 1797.)

„ Roma despojada das suas duas especies de authoridade, por hum povo que não faz conquistas, senão em proveito da liberdade, e da razão, nos aborrece com hum odio mortal, que nenhum meio póde extinguir, e que só o medo póde fazer flexivel.

„ O seu odio implacavel, e activo, porém prudente nas suas declarações, obra com hum zelo infatigavel por todos os meios que estão ao seu alcance; e estes estão mui longe de ser despreziveis; e se á França, victoriosa da Europa, são temiveis, se deixa conhecer, que ainda o serão mais á Republica Cisalpina.

„ Em vão se intentaria pactear de boa fé com Roma; e sem embargo desta certeza, eu mesmo tenho julgado muito perigoso o destruir o seu poder, e hei demorado a sua ruina, o que estava nas minhas mãos, receoso de augmentar o seu poder entre nós, destruindo-o no seu berço; e tenho feito sobre o estado destes restos das *superstições humanas* as mais profundas, e as mais prudentes reflexões; a conducta que me tendes visto observar com o Papa, foi o seu resultado.

„ Os póvos na mesma França, e sobre tudo na Belgica, na Bretanha, Normandia, Languedoc, e Provença, estão, quanto ás luzes, a muita distancia do Governo. A Filosofia só he a reguladora de huns, e as preocupações ainda fazem aos outros escravos, mórmente as preoccupações religiosas.

„ Mas como a força do Governo esteja na vontade do Povo, daqui se segue, que aquelle não póde fazer o que quer, e precisa elevar á altura dos seus conhecimentos ao Povo soberano, para que possa empregar todas as suas forças, e todos os meios.

„ Se he tal a posição da França, a vossa ainda he peor, porque ha huma absoluta opposição entre a Filosofia do Directorio, e as opiniões do Povo, em materia de Religião; e isto a tal ponto que V. sabe as excellentes razões com que V. mesmo se oppôz á tolerancia pública de differentes reli-

giões. As razões de V. erão prudentes, e demais a mais a mesma experiencia tem provado ao Directorio da Republica Franceza, que o espirito público na Republica Cisalpina está ainda na infancia. Tal he a vossa posição a respeito de Roma. Certamente ella offerece muitas difficuldades. As Potencias da Europa as augmentão de contínuo, engrossando as trévas do erro, para se assegurarem da fidelidade dos Póvos. Ellas vem incensar este *velho e decrepito idolo*, cujo throno carcumido se faria em pedaços pelo seu proprio pezo, senão o sustentassem differentes Estados.

„ Este *velho idolo será aniquilado*: assim o exigem a liberdade, e a Filosofia; porém o quando, e o como só a politica o póde determinar. A este respeito V. conhece que a sorte de Roma depende inteiramente de muitas, e varias considerações, para que VV. possão fazer nada por si sós; porém a Republica Cisalpina deve ajudar-nos, e *preparar os seus Póvos ao Desprezo da Doutrina Catholica, fazendo-lhes desejar a ruina desta Religião*; e empenha-los pelo seu interesse pessoal na sua destruição, e depois de alienar os bens do Clero, entregar este á ignomia do charlatanismo, cujas mólas serão manejadas pelos vossos escritores.

„ Durante este tempo deve V. propagar os principios filosoficos em todo o estado do Papa.

„ A França tem a maior confiança em V. a este respeito, porque fallando a mesma lingua, tendo os mesmos habitos, e o mesmo genio, os vossos filosofos devem destruir a superstição por todos os meios da maior influencia sobre o coração, genio, e espirito dos Póvos.

„ Póde acontecer hum successo muito desagradavel, segundo me parece, que obrigue o Governo Francez, e os seus alliados, na Italia, a sahir dos limites da prudencia, que a sua politica lhe tem imposto, seria este a morte de Pio VI.; he de desejar que elle ainda viva dous annos para dar á Filosofia o tempo necessario de acabar a sua obra, e deixar este *Lamá* da Europa sem successor; porém se morre antes, eu presumo que a vontade do Directorio será permittir, que se dê hum successor: a politica, e os deveres secretos, a que ella obriga algumas vezes, podem constrange-la a esta medida, sobre tudo antes da dita época em que estaria apoiado com huma grande força da opinião publica; porém antes que esta chegue ao seu maximo, póde o Papa morrer, e em tal caso, repito, tenho moti-

vo para crer, que o Directorio consentirá que se lhe dê successor.

„ A eleição deste he hum negocio da mais alta importancia, pelos mesmos motivos, que influiráõ a que as Potencias fixem nesta eleição o maior interesse.

„ Este acontecimento, que todos os dias se póde realizar, tem exigido a previsão do Directorio, para que antecipe todas as suas medidas. Para o caso em que succeda, tem prevenido ao General das Tropas Francezas na Lombardia, que passe logo com todas as suas forças á Romania, deixando 3000 homens no Castello de Millão, e 2000 em Mantua. V. remetterá a Legião Polaca, para que esteja ás suas ordens, e nesta situação se devem esperar as do Directorio.

„ O Ministro da Republica Franceza se porá de acordo com o Directorio Cisalpino, para a apresentação de hum candidato para a dignidade Pontificia, e este Ministro formalisará a sua proposta ao Conclave, que no termo de oito dias deve terminar a sua eleição.

„ As tropas se dirigiráõ a Roma, no caso necessario, para proteger a proposta do Directorio. Este intimará á Côrte de Napoles a prohibição a mais restricta de se intrometter nos negocios de Roma, em quanto estiver a Sé vacante, e se Napoles enviar tropas ao territorio de Roma, as Francezas tem ordem de repellir a força com a força.

„ Eu sei que tem lisongeado o Directorio da Republica Franceza, com a esperança de que no meio destes acontecimentos os Romanos se levantaráõ pela liberdade. Eu julgo isto mui facil, e assim o tenho dito ao Directorio; porque os Romanos de Roma estão muito mais illustrados, que os demais dos seus estados.

„ Por outra parte, a extirpação do Papado não he sómente o negocio de Roma, mas tambem de todos os Paizes *envenenados com o Catholicismo*: além de que pertence a estes mesmos Paizes julgar o que elles pódem fazer sem perigo a este respeito. Antes de dous annos a *extincção do Papado* póde ser impossivel, pódem ser neccessarios quatro; porém seria impolitico deixar, como propõem alguns estupidos, subsistir hum Papa, despojado dos seus estados temporaes.

„ Algum Monarca em tal caso se apossaria *do idolo* para o fazer adorar, reduzindo-o a escravo: então por este

meio atrahiria a si as homenagens de todos os Catholicos, e em lugar de destruir a potencia Pontificia, engrossaria o seu poder com as ruinas daquella potencia, quando lhe conviesse a restabeleceria para assegurar a sua.

„ O Directorio quer que *o Papa morra absolutamente, quando for opportuno, e que com elle seja sepultada a sua Religião.*

„ Mas em quanto elle deixar subsistir esta *lava da ignorancia humana*, quer que conserve huma soberania propria; porém entregue á discrição da França, a fim de minar a sua segurança Real, e a que deve conservar para com os Póvos ainda *escravisados pela superstição.*

„ A sabia memoria apresentada ao Directorio pelo Cidadão Sieyes, em 30 do Nivoso do anno V. he, e será a base da politica que deve governar neste ponto; eu remetti a sua copia ao Cidadão Moscati.

„ As forças do Papa não são temiveis á Republica Cisalpina; todavia, com facilidade póde pôr em campo 24$ homens. O nosso Ministro em Roma tem ordem de impedir o seu alistamento, e disciplina.

„ Porém ainda que a Republica Cisalpina nada tem que temer a este respeito, tem muito que recear no meio de hum Povo *supersticioso* de suas surdas; e multiplicadas intrigas. Por este motivo tenho resistido frequentemente ás instancias de V. dirigidas a castigar alguns, que por mais réos que sejão em certos respeitos, *são porém muito uteis para derribar a Religião, pois tendo sido Sacerdotes, o seu exemplo tem huma influencia mui efficaz sobre o Povo.*

„ Para destruir a Religião imite V. á França, porém com prudencia; excite V. a discordia entre os Sacerdotes; busque V. entre estes *os mais inimigos da Religião*, e nelles encontrará os *apostolos da Filosofia.*

„ Dem-se estes *novos apostolos* aos Póvos, e a sua missão será nelles mais efficaz, do que mil periodicos. *Castigue V. os Bispos que se atreverem a perturbar estes missionarios da liberdade, e reprima os fanaticos, que recuzem ajuda-los.*

„ Alonguei-me muito sobre este objecto, por ser para V. da maior importancia. =

Eis-aqui o plano das violencias, e das seducções inventadas pelo Directorio, glossado, e reduzido a systema por Napoleão, para destruir em dous, ou quatro annos o que

elle chama *fabrica de engano*, *e de preocupação*. Porém até quando serão inuteis as lições da historia? Esta nos diz que em vão se tem conjurado os homens contra a obra de Deos, que todos os esforços tem sido inuteis, que todos os que tem atacado a Religião perecêrão, que ella subsistirá como fundada em bases indestructiveis; e quando a barca de S. Pedro parecia que hia a submergir-se pelo impulo das mais desfeitas tempestades, aquelle que manda os ventos com o imperio da sua voz ordenou a calma, e o repouso ao furor das ondas. Ella nos ensina que o Arianismo em huma guerra de mais de sessenta annos não perdoou a genero de seducção e violencia, que deixasse de praticar para desmoronar o edificio da Religião, e que aquella heresia foi diminuindo pouco a pouco, á maneira de huma nuvem espessa, que o Sol vai penetrando com seus raios.

„ A nova seita d' impiedade de *pertendidos Filosofos*, que se levantou em nossos tempos, terá a mesma sorte das que lhe precedêrão, ajuntará novos testemunhos de perpetuidade da nossa Religião, será maniatada ao carro do seu triunfo; e Bonaparte verá destruido o systema absurdo de incredulidade, e inutilizados os artificios que tem empenhado para propaga-la.

Já terminárão os dous annos, de que Bonaparte, segundo disse, necessitava para transtornar o edificio magestoso da Religião; já desappareceo Serbelloni, digno cooperador de tão sacrilega empreza; já os apostatas da Religião, os chamados Filosofos, que havião de semear nos Povos a incredulidade, e a irreligião, tambem hão desapparecido ás mãos do esquecimento; e a tócha da fé ainda se não tem apagado, apezar do despojo, e pobreza dos Templos, em que antes ardia com pompa, e magestade; já o Papa perdeo o goso da sua soberania temporal; não tem Exercitos, nem vassallos que o defendão; os Soberanos de Italia, que o veneravão, e protegião, tem sido envoltos no geral transtorno; os Reis de França, que se honravão com a primogenitura da Igreja, acabárão aos esforços da mais horrorosa facção; a casa de Austria, que por sua dignidade de Reis dos Romanos era o primeiro antemural da Sé Apostolica, geme tambem ligada com vergonhosas cadêas; as constantes, e activas mediações que a piedade do Governo Hespanhol agitava em París, a favor de sua Santidade, tem cessado de todo; o Sacro Collegio, cujos conselhos contribuião

para a força moral dos Romanos Pontifices, e em cuja sabedoria, e experiencia estava em grande parte confiado o tino, e acerto das providencias do Primado da Igreja Universal, vaga disperso a impulsos do poder, sem mais abrigo que o dos Povos, e Castellos em que foi encerrado; o mesmo Romano Pontifice, arrancado da sua Cadeira, atido á generosidade dos fieis, cercado de baionetas, conduzido de fortaleza em fortaleza, á discrição de huma policia tenebrosa, e desconfiada; privado de papel, e tinta, que os maiores tyrannos do Gentilismo concedêrão aos Apostolos nas suas prizões, os quaes se servião deste auxilio para desatar as duvidas dos fiéis, e confirma-los mais na fé; privado do poder que dá a dispensa das graças; destituido de soccorro humano, e de toda a esperança de o obter; debil, valetudinario, enfermo, e septuagenario; este mesmo Romano Pontifice se apresenta em campo a lutar com todo o poder Colossal de Bonaparte, sem mais armas do que a sua constancia, e a sua fé nas promessas de Jesu Christo, e está seguro de triunfar deste segundo Juliano. Este persuadio aos Judeos que reedificassem o célebre Templo de Jerusalem; deo-lhes sommas immensas, e os ajudou com todas as forças do Imperio; porém o resultado foi tal, qual convinha para castigar o orgulho de tão soberbo Principe.

Em quanto Alipio, official, e zeloso emissario de Juliano Apostata, ajudado do Governador da Provincia, fomentava a empreza com o maior ardor, os mais terriveis turbilhões de fogo sahírão dos alicerces, em frequentes erupções, e abrazárão huma parte dos trabalhadores; os que insistírão no empenho forão igualmente consumidos pelas chamas, e o lugar ficou tão inaccessivel, que foi perciso abandonar a obra. He desta sorte, que Juliano querendo destruir a profecia de Jesu Christo, de que não ficaria pedra sobre pedra, do Templo de Jerusalem, foi o mesmo que a realisou.

Os criticos incredulos, que recusarem dar assenso a este testemunho, conforme S. João Chrysostomo, S. Gregorio Nazianzeno, e S. Ambrosio, creio não acharão na sua critica razão alguma para duvidar da authoridade de Amiano Marcelino, Author a quem se não póde oppôr a menor mancha de parcialidade.

Bonaparte, novo Juliano Apostata, na sua luta com hum veneravel desvalido ancião, com o digno Successor de

S. Pedro, e sem mais armas do que as que teve este primeiro Vigario de Jesu Christo, vai a ser o instrumento de que se vale a Providencia, para accrescentar hum novo testemunho á perpetuidade da Igreja: he assim; Bonaparte se acha na mais terrivel alternativa; ou leva a sua atrocidade, ao extremo de martyrisar o Papa, em cujo caso obra segundo os desejos deste generoso defensor da Religião Catholica, ou o deixa com vida; e então, ¿como poderá soffrer o seu orgulho, de que as Nações celebrem que todo o poder da sua soberba haja esbarrado contra aquella Igreja, que elle se lisongeava de poder derribar a seu arbitrio?

Quando Napoleão não era mais do que General, ás ordens do Directorio, vangloreava-se de ter na sua mão a sorte da Religião Catholica. He agora Imperador, a sua impiedade não tem diminuido, antes pelo contrario os meios de a propagar tem crescido extraordinariamente. As imprensas são escravas do seu despotismo; as pennas mais brilhantes, e seductoras só esperão pelo mando da voz, para se moverem na direcção, que lhes quizer dar; os Exercitos levantarão á primeira voz o estandarte da irreligião, e ao menor sinal da sua vontade. Em circunstancias, ao que parece, tão funestas á Religião Catholica, he quando Deos quer tratar com desprezo os designios dos seus inimigos, e que o maior, e o mais encarniçado contra ella, necessita implorar os seus soccorros para completar os vastos planos da sua insaciavel ambição. He o que succede; Bonaparte com a mais negra hipocrisia, e com huma fé de theatro, se metteo no número dos crentes daquella mesma Religião, que ha pouco ridicularisava, para subir ao cume do mando; e arrostando todas as repugnancias do seu coração, se vio obrigado a pagar este tributo, accrescentando de mais hum triunfo á verdade.

Estes desenganos, ainda que não tem suffocado os designios de Bonaparte, o tem obrigado ao menos a variar o plano, do seu ataque.

A Religião de Jesu Christo, igualmente destinada a submetter o nosso entendimento, como a reformar o nosso coração, propõe mysterios profundos á nossa crença, e sublimes virtudes á nossa observancia.

Quando os homens se deixão dominar pelo *orgulho*, e pela *sensualidade*, não conhecem outra felicidade mais que o goso dos prazeres, e tem por isso o maior interesse

em destruir huma Religião que os perturba, e que os envenena. Esforção-se nesta desgraçada situação com todas as suas luzes, e com todos os seus talentos, para a fazer passar por falsa; e não he de admirar então que logrem por fim persuadir-se a si mesmos desta supposta falsidade.

Com este conhecimento dirigio Bonaparte todos os seus tiros, para desmoralisar os homens, meio o mais opportuno de os fazer incredulos.

Nos dominios de Bonaparte as mulheres relaxadas, além de terem carta de seguro no exercicio da sua prostituição, estão de mais a mais empregadas pelo Governo para as investigações da Policia.

Os jogos de azar, que em todas as partes hão experimentado o castigo, e a indignação dos Governos, estão porém authorisados, por Napoleão, e formão hum ramo da renda pública.

A incorruptibilidade dos Ministros de Justiça, que sempre fôra hum objecto de veneração, e o azilo da segurança dos Cidadãos, aos olhos de Bonaparte he huma prova da estupidez do que se sugeita a todas as privações, a troco de não manchar aquella virtude.

O luxo, que arruina as familias, he para Bonaparte o obsequio mais agradavel; ainda que conhece que em vão se buscarão costumes e virtudes, em huma nação por elle infestada; e que a equidade, a beneficencia, e a compaixão não se aninhão nos corações, que jamais tem bastantes riquezas para si mesmos.

Bonaparte aprendeo de Machiavelo, que hum Principe não deve ter outro objecto, nem outro pensamento, nem outro estudo senão o da guerra. A guerra estabelece o despotismo, e este em retorno sustenta a guerra. Bonaparte tem ambos no coração, e no entendimento, e serve-se de ambos, como de instrumentos os mais activos para acabar com os bons costumes. Onde reina o despotismo em vão se esperará que tornen a nascer os Aristides, os Cimões, e Miltiades, os Socrates, e os Fociões. Ninguem então se occupará do bem público: e até o seu nome será desterrado da região do seu poder despotico. Não haverá amor á patria, onde os vassallos por imitarem o déspota que os opprime, julgão hum dever de a aniquilar. Elle tem hum interesse em corromper os costu-

mes dos seus vassallos, e nunca está mais seguro, senão quando reina sobre homens entregues ao vicio, á moleza, á sensualidade, e a todas as mais desordens que os envilecem. A virtude levanta os homens, e o vicio os obate: o homem de merecimento tem grandeza d'alma, e he zeloso da estimação pública; o que não tem merecimento he baixo, vil, condescendente por excesso, e se vê forçado a desprezar-se a si mesmo: finalmente, onde reina hum despotismo sem freio, não prevalecerá aquella moral, que, como diz o Author do espirito das leis, parecendo que não tem mais objecto do que a vida futura, faz a felicidade nesta, assim dos particulares, como dos Estados, e forma a base da sua verdadeira, e sã politica.

A guerra he outro instrumento á disposição de Bonaparte para desmoralisar os homens. A licença, o desprezo das leis, a corrupção dos costumes, são consequencias necessarias a que estão expostas as nações bellicosas. Os grandes Exercitos sempre tem sido funestos á prudente liberdade, e aos costumes dos Cidadãos. Bonaparte os povoa, e organiza á custa das occupações pacificas, e virtuosas; com elles aniquila os germes da Moral; arruina os Templos; lança mão das suas rendas; priva os Ministros da Religião, do que necessitão para continuarem no exercicio do seu ministerio; o culto público não tem Igrejas em que celebrar-se; os pulpitos, cadeiras do Espirito Santo, emmudecem; os directores das consciencias, feitos alvos de toda a casta de perseguições, desapparecem dentre os Povos; e estes soffrem sem se poder confortar com os auxilios da Religião, todos os estragos da devassidão desenfreada de huma soldadesca, a quem só serve de guia o espirito desmoralisador, e irreligioso do supremo chefe que a manda.

O castigo, e o premio são as mólas de que necessita todo o Governo para reprimir o vicio, e fomentar a virtude. Bonaparte porem não conhece outras virtudes mais que as da guerra; nem outros talentos senão os que melhorão a sciencia de destruir os homens, ou que contribuem para sustentar o seu despotismo. A estes he a quem tem sacrificado as rencompensas, que noutro tempo estavão destinadas á propagação das sciencias, e ao desterro da ignorancia, que tão nociva he á moral!

A *beneficencia*, a *humanidade*, a *generosidade*, a *probidade*, o *desinteresse* já não conduzem ninguem aos premios, nem á estimação de hum Monarca Conquistador. Os mestres das sciencias sagradas, privados de recompensas, e perseguidos pela aversão, e critica detractora, desmaião por toda a parte. Os vicios os mais vergonhosos, a *impudicicia*, a *fraude*, e a *rapacidade* ficão impunes, logo que se executão á sombra do valor militar.

Os prelados, canonicamente instituidos, são despojados das suas Igrejas, e chorão pelos perigos das suas ovelhas alimentadas com a perversa doutrina dos Bispos intrusos, que ao mesmo passo que manchão a Religião, imputando-lhe as superstições que ella mesma condemna, excitão o orgulho, alimentão a ambição, e dilatão, e estendem mais a authoridade de Bonaparte. Persuadem estes intrusos desmoralisados aos Póvos „ que o poder „ do Imperador he huma pura emanação do Poder Su„ premo, que governa o Universo; que os seus direitos „ são divinos, a sua authoridade irrevogavel, e as suas „ acções independentes de todo o tribunal humano. Cha„ mão-lhe Omnipotente, o desejado das nasções, obra „ a mais completa, que tem sahido das mãos de cria„ dor, e dizem que Deos descançou depois de o ter „ criado. „

Taes blasfemias, e sacrilegios compõe o incenso mais fragrante, que se póde offerecer a Bonaparte; e ainda que de ninguem são acreditadas, nem he justo que se imputem á Religião estas sórdidas, e venaes opiniões dos seus máos Ministros, todavia a malignidade pertende, que haja de recahir o odio sobre a mesma Religião; quando esta he a primeira em perseguir, com anathemas a impiedade de todos os Ecclesiasticos depravados.

Sim: a Religião detesta a doutrina destes Bispos, creados pelo poder desmoralisador de Bonaparte, os quaes se atrevem a pinta-lo como hum ente privilegiado, a quem tudo he permittido; que persuadem aos Póvos que se submettão cegamente a todos os caprichos, sem usarem do direito da representação; que ensinão de mais a mais, que elle como Monarca, he formado de huma massa differente; e que as suas vontades, por divinas, não devem experimentar obstaculos.

Bem sabe Bonaparte, que doutrinas taes não tem apoio na Santa Religião: daqui vem por tanto todo o seu empenho em a extirpar; sabe igualmente que, segundo a moral do Evangelho, todo o poder he essencialmente limitado ao fim da sua instituição, que he a conservação, e prosperidade dos Póvos; que em quanto elle governasse, segundo o desejo destes, e sem outro objecto que a salvação pública, as suas leis serião sagradas; que fossem quaesquer as condições primeiras, debaixo das quaes se lhe submetteo a nação; quaesquer os obstaculos, que a embaracem, estipula-las na sua origem; qualquer a violencia que tenha afogado depois a sua voz, nada póde fazer perder o direito de manifestar o que lhes cumpre; pois que a salvação pública he sempre a lei suprema do vassallo, e do seu Soberano; ella he a medida invariavel do poder de hum, e da obediencia do outro; he ella o vinculo commum, que (a não ser elle Déspota) une as Nações a seus chefes, e estes ás Nações; pois que a França nunca jámais pensou em se sugeitar a huma vontade injusta, irracional, e caprichosa; ella sempre quiz ser feliz: se se privou do excicio dos direitos, que então possuia, creo talvez deposita-los em mãos que pudessem usar delles com mais segurança e acerto; foi para simplificar huma maquina, que sendo muito complicada pelos esforços oppostos de cada huma das suas partes, corria risco de parar, ou de se destruir no seu movimento; a felicidade; a segurança, e a conservação forão os objectos dos seus desejos. Tratou certamente nas suas considerações de defender os individuos contra paixões reciprocas, nunca jámais podia ter o designio de os sujeitar a hum poder terrivel, que abusasse de todas as forças confiadas á sua authoridade. Ella se obrigou a obedecer, porém isto foi para utilidade reciproca, foi a vontades justas, foi a leis fundadas na equidade, e para seu proprio bem.

Taes são as bases invariaveis de todo o Governo justo; ainda quando sejão tacitas estas condições, a natureza, e a Religião as proclamão em altos brados; não ouze, por tanto, a tyrannia de Bonaparte chamar quimerico este titulo primordial da Nação; elle deve estar gravado nos corações de todos os Francezes: e estes archivos sagrados que mofão dos tempos, da violencia, e da

perfidia, hão de se conservar, como esperamos, eternamente.

A bondade, e a justiça Divina são os vinculos que unem o homem com o seu Deos. Porém se he licito a este Monarca perverso apartar-se destas qualidades; se elle julga que as não deve a seus vassallos; se elle se dispensa das leis da equidade, da razão, e da beneficencia, ¿ não se faz por isto superior á Divindade, com cuja representação se pertendia honrar?

O Soberano Author da Natureza, adornado de bondade, razão, e justiça, concede ás Nações o direito de esperar estas virtudes. ¿ Dir-se-ha que hum Deos bom, que tem tanta ternura pelos homens, quer ser representado debaixo dos caracteres de hum tyranno conquistador? Póde a Divindade approvar, que hum homem convertido, pelas suas paixões, em animal feroz, tenha o direito exclusivo de devorar seus similhantes? ¿ Este Deos, a mesma bondade, consentirá que hum mortal, que essencialmente em nada diversifica de seus similhantes, viole, segundo os seus caprichos, as leis que conservão a existencia das suas creaturas? ¿ E haja resolvido nos seus decretos eternos, que elle sómente se aproveite do trabalho de todos os homens, não se occupando mais do que da satisfação dos seus caprichos, com absoluto esquecimento da felicidade dos Póvos?

Os apostolos da irreligião, que intentão augmentar-lhe a sua authoridade, derivando-a immediata, e exclusivamente de Deos, commettem o mais sacrilego attentado, e incorrem na contradição a mais evidente, pondo em contraste hum monstro maligno com a suma bondade.

He esta a linguagem caracteristica da Religião; he este o tom magestoso com que falla ás authoridades; he esta a doutrina que refrea o despotismo do tyranno, que defende os direitos dos Póvos que tem, e pertende reduzir a escravos; a doutrina que não póde ser do gosto de Bonaparte, costumado aos sordidos louvores dos Bispos da nova fabrica, e que excitará por tanto a sua raivosa indignação.

Deste principio he que nascem todos os seus esforços, e a odiosa conspiração que tem formado, para destruir aquella Religião Santa, que mantém os vinculos da Sociedade, e que conserva a ordem pública, e a probidade entre os homens. ¿ Que seria dos costumes, da boa fé, da segurança dos Estados, e dos particulares, se o mundo intei-

ro se chegasse a persuadir, ou que não ha Deos, ou que Deos olha com indifferença para as acções dos homens; que tudo perece com o corpo; e que o nada he o termo commum, assim do vicio, como da virtude? ¿ De que serve acreditar na existencia de Deos, se os virtuosos nada tem que esperar da sua bondade, nem os máos que temer da sua justiça? Se se rompem as sagradas barreiras da Religião, no mesmo instante desapparecerá aquelle medo salutifero, que comprime o fogo das prixões, e se abrirá huma porta franca a todos os vicios.

Tão terriveis resultados entrão nos depravados designios de Bonaparte. Porém contra a firmeza inalteravel da Religião, ¿ de que serviráõ todos os seus esforços, senão de a fazer cada vez mais invencivel? Ella ha sido atacada por todos os poderes da terra, e pelas potencias do mesmo Inferno; os Imperadores pagãos não omittirão meio algum para a afogar no seu nascimento. Muitos outros Principes tem perseguido tambem os Papas; e differentes seitas se tem empenhado a atacar a Igreja Catholica Romana; mas tudo tem sido em vão.

¿ E he possivel que lições tão persuasivas, e desenganos tão luminosos não hão de ter sobre o entendimento de Bonaparte outra efficacia, que a de augmentar o seu crime, e confirmar mais a sua loucura? Tal he Bonaparte, tal he o Monarca, em cujo elogio se profanão os pulpitos, e se occupão as imprensas da França. He perciso ter perdido todas as noções de governo, para não conhecer que a Religião he a móla real da politica, e a barreira a mais forte que se póde oppôr ás paixões dos homens. A idéa de huma Próvidencia que governa o Universo; que penetra os mais intimos segredos do coração humano; que castiga o vicio, e recompensa a virtude, está fundada na justiça de Deos; he conforme á razão; he conveniente ás nossas necessidades, e não menos espantosa ás nossas depravadas inclinações.

O homem não se deixa arrastar subitamente, e sem temor, pela primeira injustiça; o crime augmenta por gráos; começa o delinquente por se familiarisar com a sua imagem; busca logo os meios de illudir, e zombar da vigilancia dos Magistrados, e de evitar o rigor das leis; mas, se conhece que ha hum Juiz, a quem não póde enganar, e hum castigo inevitavel, este temor produzirá logo o mais saudavel effeito sobre o seu coração, e reprimirá sem duvida

as suas paixões no tempo em que ainda sentem o freio da lei.

Desappareça o temor do castigo, e a esperança do premio eterno; e ¿ que virá a ser o mundo, ou que theatro de horrores não virá elle a ser? ¿ Onde encontraremos os homens de probidade? ¿ Quem os sustentará no combate dos desejos, e dos deveres? ¿ Será o interesse pessoal? pois que este he o grande móvel da conducta dos homens. Não he esta a fonte dos delitos? ¿ Não he quem faz criminosos quando não se submette ás leis da consciencia, e da Religião? He certo que o interesse póde fazer guardar certas apparencias de probidade, porque sem ellas se arriscaria a fortuna, e a reputação; he facil porém de conhecer, que a probidade destituida do apoio da Religião, he huma probidade exterior, incerta, e vacillante.

Apologistas, sordidamente condescendentes, se por este capitulo não merece Bonaparte os vossos elogios, dizei-me ¿ por quaes outros he digno da fama de grande, que lhe tributáis? ¿ He porque substitue as suas paixões ás leis da natureza, e aos interesses da Sociedade? ¿ He porque faz a França escrava com as mesmas forças que ella lhe confiou para a sua propria segurança? ¿ He porque contra todas as leis se faz arbitro da vida, da liberdade, e dos bens dos seus vassallos? ¿ He porque sem necessidade prodigaliza o sangue, e os thesouros dos seus Póvos? ¿ He porque desconhece o merito das virtudes pacificas, e só recompensa os serviços dos complices das suas usurpações? ¿ Porque se cingio a coroa contra o voto da maior, e a mais sã parte da Nação? ¿ Porque desdenha, e despreza os direitos de que huma Nação, nem pôde, nem jámais ha querido desprender-se? (1) ¿ He porque não retrocede dos seus planos, ainda que esbarrarem com os mais prudentes conselhos da salvação pública, da equidade, e da justiça? ¿ Porque destituido de humanidade, aniquila os seus Póvos debaixo do pezo da sua mais frenetica ambição? ¿ Porque lhe não importa nada o odio dos seus vassallos, com tanto que o temão? ¿ Será porque despreze o temor da *Opinião publica*? ¿ Ou porque reduzindo a systema a sua tyrannia, faz miseraveis a seus vassallos, para que sejão mais submissos? ¿ Ou porque compra todos os seus prazeres pelo preço (vil, como crê) do sangue daquelles? (2) ¿ He porque estereliza os campos, levando á guerra os braços robustos, que manejavão o ara-

do? ¿ Ou porque condemna os artistas, que vestião os seus Concidadãos, a que levem a desnudez a outras Nações? ¿ Será, em fim, porque reduzio á inacção o Commercio que dava vida, e movimento á agricultura, e á industria? Dir-me-heis, que he hum Conquistador tão feliz, que alargou os limites do seu Imperio; porém a felicidade deste, ¿ he outra cousa mais que a somma da felicidade dos individuos, que o compoem? E ¿ são estes mais felizes porque se tem propagado a outras regiões a desolação, e a morte? E são estes ainda mais felizes, porque á custa da parte mais preciosa do seu sangue haja comprado huma gloria inhumana, contra a qual a eloquencia, e a satyra deverião dirigir todos os seus tiros?

Longe de nós outros o criminoso empenho de exaltar esta classe de monstros ferozes, destes flagellos da humanidade; acabe para sempre a memoria destes conquistadores que se entretem, e regosijão com as afflições do Genero humano.

Historiadores, não avilteis as letras; nem enveneneis as raças futuras, fallando com tanto elogio de hum Monarca famoso, sómente pelo artigo das suas emprezas guerreiras. Considerai pois no estado interior da França opprimida com o pezo dessa gloria militar. Adverti, que toda a guerra emprendida por pura ambição, destroe os fundamentos da prosperidade pùblica; que toda a conquista, he perniciosa até ao mesmo Conquistador; e que hum Estado composto de Provincias, cujos habitantes se diversificão tanto em costumes, em opiniões, e em linguagem, não chegará jámais a formar hum poder proporcionado á extensão dos seus dominios. Dissenções intestinas, odios encubertos entre o Estado oppressor, e o opprimido, impedem a reunião real das suas forças. Nem o Monarca será poderoso, nem os vassallos felizes, se os habitantes de todas as Provincias não formarem huma só Nação, cujos individuos se enlacem com a similhança de caracter, e de costumes. A gloria, por conseguinte, fundada na prosperidade das armas, deve causar a desgraça de huma Nação, bem longe de contribuir para a sua felicidade.

Hespanhoes, a mais santa, e nobre còlera se apoderou de vossas almas, quando vistes ao vosso Rei Fernando, dolosa, e vilmente, prezo por Bonaparte; as vossas Leis fundamentaes violadas pelo que se dizia amigo da Hespanha; as vossas propriedades servindo de alimento á rapacidade dos seus Exercitos; as vossas mulheres, e filhas forçadas á lasci-

via de huma desenfreada soldadesca; quando vistes os Sacerdotes do Altissimo perseguidos, sim, aquelles amigos fieis, em quem, com a segurança do mais inviolavel segredo, depositaveis o de vossas consciencias perturbadas, para receberdes conselhos de acerto, de salvação, e de tranquillidade, com todas as demonstrações da mais diligente, e officiosa caridade; finalmente, as casas de oração convertidas em escolas de libertinagem; os Templos profanados, sim, aquelles Templos em que se entoavão antes em doces canticos os louvores do Senhor, já não resoão senão com os rinchos dos cavallos, e com os gritos da impureza. Ainda que deva exaltar-se a vossa santa cólera, á vista de tão repetidas atrocidades, todavia deve cessar toda, e qualquer admiração, sabendo vós, que o author de tantos males não conhece outro interesse senão o do momento, e que nega effectivamente o dogma consolador da immortalidade da alma. Bonaparte, o mesmo que como General do Exercito d' Italia, comentou, amplificou, e pôz em systema a idéa de destruir a Religião Catholica, he hoje o mesmissimo quanto ás opiniões religiosas.

Se intentão persuadir-vos do contrario com próvas tomadas da conservação d'alguns Prelados, Parrocos, e Conegos, notai que tudo isto são apparencias enganosas do novo Juliano. Eu, por tanto, rasgarei o véo que encobre a sua execravel hipocrisia, e se conhecerá tambem a sinceridade com que fallo.

Os planos que Bonaparte realisou, em França, nos artigos da Religião Catholica, servirão de guia para descubrir os designios, que elle abriga em seu peito, relativos á Hespanha.

Necessitou Napoleão de hum instrumento poderoso para estabelecer a sua dignidade imperial, e a Religião devia-lhe ser este instrumento. Os mesmos que havião coadjuvar as suas intenções não occultárão nem a origem, nem o objecto dos seus disvellos, porque os dous oradores, que advogárão a favor da Concordata, quando foi apresentada a acceitação do Corpo Legislativo, descubrírão logo o secreto impulso, que os movia. Os dircursos pronunciados, a este fim, por Luciano Bonaparte, e Portalis, são certamente monumentos curiosos, assentados sobre o principio que *a Religião que hia a estabelecer-se, não devia ser outra cousa mais do que hum instrumento nas mãos do Governo, para chegar aos fins que se propunha. Espiritos fortes*, (dizia Portalis)

nenhum estorvo se opporá á expressão dos vossos sentimentos; a mas de beis, consciencias timoratas, encontrareis apoio, e soccorro no culto que se vos restitue.

Luciano desenvolveo todos os seus recursos oratorios, para desempenhar a commissão de que o havia encarregado seu irmão. Alguns o comprimentárão pela energia, e beleza da sua *arenga*, pronunciada no Corpo Legislativo a favor da Religião, e Luciano respondeo, *que o seu discurso haveria sido energico e formoso, se o tivesse pronunciado em sentido contrario.*

O principio politico, que *a Religião só devia ser hum instrumento á disposição do Governo para seus fins*, teve na verdade a mais completa applicação, porque os Bispos vem a ser antes instrumentos da vontade de Bonaparte, do que Pastores dos Póvos: Bonaparte lhes deo a existencia; lhes faz conhecer, que dependem delle, e não são Prelados senão para o que directamente lhe interessa; com as suas Pastoraes, exhortações no pulpito, e festas religiosas, devem sustentar todas as opperações do seu genio oppressivo.

As sagradas letras são violentadas para sustentar a justiça da conscripção, e para provar que Deos sacou do Egypto a Bonaparte, para o fazer o homem da sua mão direita. Quando os Póvos estão mais afflictos, he quando estes Pastores entoão o *Te Deum*, dão louvores a Deos, e ás suas maravilhas.

Para conhecer que o restabelecimento da Religião só tem por objecto auxiliar as vistas ambiciosas de Bonaparte, basta considerar no estado interior dos Bispados; he este verdadeiramente hum objecto de compaixão. Ha Parrochias, que carecem de Igrejas; ha outras em que os Templos, por causa das devastações da revolução, ameação imminentemente os que se reunem nelles. Os Curas sem casa, e sem sustento, pela maior parte, dependem da caridade dos fieis. A tibieza, a ignorancia, e a relaxação são commummente o caracter dos Ecclesiasticos actuaes. Os mancebos fogem de huma profissão, a que não estão chamados por nenhum daquelles atractivos, de que difficultosamente prescinde o homem! Este lamentavel estado de cousas, provém de que o Governo, depois de ter sacado da Religião o apoio de que necessitou, para realisar os seus ambiciosos planos, a lançou logo nas mãos do desprezo, e do esquecimento, quando julgou que lhe era abslutamente inutil.

A França toda desejava o restabelecimento da Religião Catholica, e ainda aquelles, que a não olhavão debaixo doutro ponto de vista, do que o puramente temporal, conhecião bem a sua importancia para o Estado. Bonaparte com a sua *Politica particular* zomba de todos, faz que a Religião lhe sirva d' escada para subir ao Throno, e confia a sua extirpação *ao poder das privações*, e á eleição dos Ecclesiasticos relaxados, para que com a sua ineptidão, e sacrilego abandono ás vistas do tyranno, a desacreditem totalmente.

Esta marcha, que em nada desdiz da que Bonaparte prescreveo a Servelloni, tem principiado a executar-se em Hespanha, e annuncia a que o Gabinete Francez se propõe adoptar em todas as suas partes, quando tenha effeito a sua intentada usurpação.

Hespanhoes: Napoleão aspira a despojar-vos, não só da independencia, e da liberdade, senão tambem da Religião que vos deu o nome de Catholicos, desde Recaredo atégora. Este usurpador vos reduzio á mais cruel alternativa; ou haveis de perder tudo, e dobrar o joelho diante do inimigo de Deos, e dos homens; ou haveis de defender o vosso Deos, o vosso paiz, as vossas familias, e a vossa liberdade.

A guerra, que sustentais he ao mesmo tempo religiosa, politica, e individual. A empreza he grande, e por tanto digna de vós; o Ceo a protege; e o santo odio que vos tem inspirado contra Bonaparte, he hum sinal caracteristico de que vos quer perservar do seu dominio; he certamente o primeiro sintoma do favor de Deos, e o primeiro dom da victoria: estes odios participão da santidade, do que vo-los suscita; são por tanto activos, prudentes, e infatigaveis. Não só sabeis aborrecer, mas tambem sabeis morrer, e com virtudes taes he infallivel o termo da victoria. Verdade he que tendes perdido batalhas, porém quando tomastes a empreza de vos defender, já contaveis com as desgraças; por isso he a mais heroica, e a mais gloriosa: tendes experimentado revezes; mas tambem adqueris com elles a sciencia de vencer os vossos inimigos. Nas grandes emprezas o meio mais seguro de ser bem succedido he o calcular as desgraças, que podem sobrevir, prevellas, e arrostallas.

Os affeiçoados ao dominio Francez (direi melhor os partidistas, pois que dos primeiros não ha hum em Hespanha) usando da charlatanaria caracteristica do usurpador, exaltão

o poder deste, a profundidade da *sua politica*; semeião desta sorte a desconfiança da boa fé, sincera amizade, e estreita alliança com a Gram-Bretanha; ponderão o risco, que corre Hespanha de perder as Americas, e sobre tudo manchão a reputação do nosso Rei, despojando-o das suas virtudes.

São estes huns pontos de tanta importancia, que não me he pirmettido deixar de fazei algumas observações, que se forem superfluas para alguns, servirão ao menos de desafogo á minha gratidão, e de satisfação ao cumprimento do mais doce dos deveres do homem social.

Os emissarios de Bonaparte fallão constantemente do poder da França, em termos mais proprios de seduzir incautos, e pouco instruidos, fazendo-lhes crer que toda a resistencia he vã, e temeraria. A Monarchia universal, este systema gigantesco, objecto dos desejos de tantos conquistadores antigos, e modernos, porém ainda não realisado atégora, he o centro de todos os desvelos, e fadigas de Bonaparte. Não se póde negar que o Imperador tem alargado as margens do seu imperio; que a 25 milhões de habitantes, que segundo os mappas de Neker compunhão a povoação da Monarquia Franceza, se tem aggregado pela conquista 15 milhões mais; e que a França actual compõe hum total de 40 milhões; mas nem por isto se tem augmentado o seu poder real: este não se fórma sómente pela multidão de habitantes; he preciso que estejão todos unidos pela conformidade de desejos, de Religião, e de costumes. Os dominios accessorios da França, pela interposição das barreiras, que a natureza estabeleceo com sabio designio, tem a mais poderosa tendencia, para haver hum dominio separado. Por outra parte, as vastas Monarquias estão expostas a grandes males, porque se nada tem que temer dos ataques exteriores, tambem propendem necessariamente para sedições, partidos, guerras civís, e para todas as calamidades que lhe são consequentes. As molas de hum Governo por mais benigno que seja, talvez não bastem para as conter debaixo do jugo do conquistador: este pelo commum redobra as cautelas da Policia, impõe castigos terriveis, emprega huma crueldade sem misericordia, e tanto rigor porém augmenta odios, géra a desesperação, produz insurreições, e faz vacilar o Monarca tyranno no seu proprio Throno. He preciso por tanto con-

vir em que Bonaparte exige homens, e dinheiro dos Paizes subjugados, e que por este meio augmenta o cabedal dos seus recursos para a continuação da guerra; porém o systema de oppressão aliena cada vez mais os animos, e os põe naquella disposição, em que o homem troca com gosto huma existencia infame, e atribulada por huma morte prompta e gloriosa.

Por outra parte, considere-se o que ha perdido a França pela frenetica ambição do seu Gabinete.

A Monarquia Franceza, na classificação das Potencias da Europa, occupou o lugar de rival da Casa d'Austria, até que Luiz XIV. teve a fortuna que seu neto cingisse a fronte com a coroa d'Hespanha, desde cuja época subio a França ao grão de Potencia dominante. Daqui veio a extinção dos antigos odios nacionaes; daqui o cessarem as rivalidades de interesses politicos entre Hespanha, e França; daqui resultou finalmente, que o Gabinete Austriaco não contava já com os auxilios da Peninsula, para debilitar as emprezas ambiciosas da França.

Pelo contrario esta Potencia deo ao seu poder hum tal augmento com a coroação do Senhor Filippe V., que os politicos calculárão que o *equilibrio* desapparecêra da Europa, e que o Gabinete de Versalhes aspirava á Monarquia universal. Seja o que for da solidez destes cálculos, que tem de arriscados toda a parte que receberão do medo, e da emulação, todavia, he constante que a França augmentou consideravelmente o seu poder continental, e maritimo; que deo ao seu commercio os mais ricos, e opulentos mercados; á sua industria graças exclusivas, com que afugentou toda a concurrencia; ao seu thesouro grandes entradas de numerario, com que adquirio a preferencia no commercio da India; e por ultimo se póde dizer que em certo modo teve á sua disposição mais de 20 milhões de habitantes Europeos, e Americanos, em consequencia do impolitico tratado de alliança que celebrou o nosso Governo, querendo vingar-se dos Inglezes, e ceder ao espirito de familia, circunstancias por sua natureza as mais proprias de deslumbrar as vistas sobre os verdadeiros interesses das Nações. Todas estas ventagens tem perdido agora a França pela *Politica particular* do seu Imperador, que não he facil compensallas com os recursos da Hol-

landa, que não tem outros, hoje em dia, senão os de hum torrão pobre, e sempre ameaçado pela poder das ondas; nem tão pouco recompensa-las pelos recursos da Italia, assolada pela guerra, privada da extracção dos seus fructos, e do numerario que adquiria, já pela concurrencia dos amantes das bellas artes, e já pelas relações Ecclesiasticas, que os Estados Catholicos mantinhão com o Primado da Igreja. Não he isto só o que tem perdido a Nação Franceza pela *Politica particular* do seu Imperador; perdeo tambem os seus vastos dominios na Asia, e na America, dominios que os Reis de França (os Reis da quella Dynastia, que Bonaparte chama *degenerada*) fomentárão espiritual, e temporalmente com gloria sua, e grande proveito dos seus vassallos.

Pelo mesmo principio tem desapparecido a marinha pescadora, e mercantil da França, preliminares, e viveiros tão preciosos para a marinha militar, que sem estes he ruinosa a sua existencia. Tem a França perdido tambem o commercio vantajoso que fazia dos generos da Asia, e da America nos mercados da Europa. Os Commerciantes Inglezes não podião concorrer com os Francezes; estes tinhão a vantagem das menores despezas nos transportes; porque o Inglez he mais gastador que o Francez nas viagens de mar. Eis-aqui o poder colossal de Bonaparte, a quem dão tanto pezo os seus emissarios, para enganar aos que julgão as cousas pelo colorido do falso brilho, que dão as conquistas. Julguem agora os imparciaes Estadistas, se os Paizes adquiridos pela força, e que no momento que esta desappareça, tornarão ao seu estado de indepedencia, podem compensar as perdas que acabo de esboçar. A Hespanha tem dissipado as illusões que reinavão sobre o poder de Bonaparte. Indigna-se esta generosa Nação vendo a atroz perfidia, e horrivel violencia empregadas por Napoleão; determina na exaltação da sua santa cólera, defender a liberdade, e independencia, e mostra o resultado em huma luta de quatro annos, ainda não completos, que os Exercitos de Bonaparte, victoriosos nas guerras dos Gabinetes, são de facto vencidos quando lutão com os Póvos. Trezentos e cincoenta mil homens, que já tem sido sacrificados á mais justa das vinganças, são outros tantos testemunhos desta verdade, com que desapparece todo o prestigio, e se desvanece toda a illusão.

Da profundidade da *politica* de Bonaparte fallão seus apologistas com hum elogio mais proprio dos sectarios de

Mafoma, do que d'escritores de huma Nação culta. Dizem *que ninguem póde descubrir a profundidade dos seus designios sobre a sorte do mundo; que he temeridade examinallos, e que a sabedoria exige de nós a mais timida, e respeitosa veneração.*

Vejamos se a conducta politica de Bonaparte merece, com effeito, as apologias com que os seus emissarios intentão seduzir aos que querem conquistar.

O decreto que declara as Ilhas Britannicas em estado de bloqueio, na opinião do Gabinete Francez, he hum golpe mortal contra o poder de Inglaterra.

No seu juizo, huma tal resolução jámais tem podido entrar no cálculo dos contratempos que podia temer o Gabinete de S. James; e nenhum politico podia prever, que chegaria huma época; na qual fixadas as aguias Francezas sobre as desembocaduras do Ems, do Veser, e do Elbo afastarião da Europa continental, os productos da industria Ingleza, e que a França, desembaraçada então de todas as rivalidades, dirigeria todos os seus meios sómente contra a Inglaterra, reduzida ás suas proprias forças: que não poderia augmentar, sem despovoar os seus teares, formando, quando muito então, hum Exercito colecticio, e indisciplinado.

Comparem-se pois estas profecias com os seus resultados, e tome-se por ponto de comparação o anno de 1806, que entre os Francezes he considerado como o Zenith das rendas, commercio, e do credito da Grã-Bretanha, e como época desde a qual deveria datar a ruina deste triplicado edificio.

No anno de 1806 produzírão as Alfandegas, Sizas, e Papel sellado cincoenta e seis milhões de libras esterlinas: no de 1808 foi o seu producto de sessenta milhões. O juro dos capitaes que o Governo pedio de emprestimo era na primeira época de quatro libras, dezanove chilins, e sete peniques por cento: na segunda quatro libras, quatorze chilins, e seis e meio.

Esta baixa de interesses no meio da continuação da guerra, desdiz dos principios da economia politica, e de quanto offerecem os annaes da riqueza pública.

Nos annos successivos teve maior baixa, e isto se deve á *Politica particular* de Bonaparte. Derramou este, por todas as Nações da Europa, o estrago, a dessolação, e o

despotismo. Todos os millionarios previrão, que os seus capitaes serião preza da rapacidade dos Francezes, e tratando de os pôr a salvo os passárão para a Grã-Bretanha, para aquelle Paiz em que reinão as leis, e em que a propriedade não está exposta ao capricho do poder arbitrario.

Por isso os cabedaes acumulados na Grã-Bretanha, por via de asylo, excedião aos ramos do trafico; daqui veio a necessidade de emprestar ao Governo com menos interesse do que correspondia ao estado de guerra, para não estarem os capitaes ociosos. Quanto aos meios praticados para destruir o Commercio Inglez, não tem sido mais feliz a *Politica particular* de Bonaparte.

Determina este fechar toda a communicação entre a Inglaterra, e os portos do Continente, e arrastado pela mais frenetica ambição, invade a Hespanha, e abre assim aos Inglezes, hum mercado mais rico, do que lhes offerecião os demais portos da Europa. A posição geografica da Grã-Bretanha, e a superioridade decidida da sua Marinha, lhe asseguráo a feliz opportunidade de substituir hum mercado que se fecha por outro que se abre.

Lisongeou-se o Governo Francez com a esperança de que a privação dos canhamos da Russia produziria huma sensação mui damnosa á Marinha Ingleza; eis-aqui outro erro da *Politica particular* de Bonaparte, e talvez hum dos mais vantajosos á prosperidade de Inglaterra. Adverte a Irlanda no vasio que lhe deixa a Russia neste trafico tão luctrivo; rotea logo novos terrenos; extende a cultivação do canhamo á proporção da sahida; e põe-se em estado de satisfazer em pouco tempo ao provimento da Marinha militar, e mercantil da Grã-Bretanha, sem dependencia alguma de Nação extrangeira. Huma sorte não menos favoravel teve a Inglaterra a respeito d'alguns outros artigos, de que se surtia do Norte; a Irlanda lhe substituio muitos delles, com a ventagem de estreitar as suas relações de intimidade com a Inglaterra, que serão ainda mais sinceras, logo que huma politica nobre, e justa triunfe (e não tardará) das prevenções, que com risco da tranquillidade pública tem reinado ha tanto tempo.

Por huma consequencia natural destas premissas, o progresso da prosperidade da Irlanda tem sido tão rápido, que não offerecem outro similhante os annaes do Commercio. As exportações da Irlanda, em manufacturas, e fructos da

sua colheita, no anno de 1806 montárão ao valor de nove milhões e meio de libras esterlinas; no seguinte subirão a dez e meio; no de 1808 quasi a treze. A grande introducção que na Irlanda se faz de artigos de luxo, depois de dar hum grande desafogo aos armazens Inglezes, mostra huma opulencia geral, em huma Nação pobre atégora.

Muitos homens illustrados de Inglaterra, se doião de que depois da guerra de sete annos as manufacturas tinhão tomado huma extensão desproporcionada, relativamente á agricultura; porém Bonaparte com o seu *bloqueio continental*, com o *embargo Americano*, e com os ukazes de Petersburg tem protegido os votos, e satisfeito aos desejos desses zelosos patriotas. Muitos Capitalistas que giravão em o Norte do Continente, logo que este se fexou ao Commercio de Inglaterra, applicárão os seus capitaes a fomentar a Agricultura, e tem sido tal o augmento da producção, sem contar com os roteamentos, que se regula em vinte cinco fangas de grão por cada geira Ingleza de terra com que a Grã-Bretanha tem cuberto o *deficit* que experimentava desde o meio do ultimo seculo, em que as fabricas, e o commercio tomárão o mais asombroso augmento.

A superioridade naval de Inglaterra havia muito tempo que estava fóra de disputa; mas pela *Politica particular* de Bonaparte as Potencias maritimas da Europa abandonárão o uso dos seus direitos maritimos, e a Grã-Bretanha poz a todos debaixo do imperio do seu tridente. A marinha de França, e a dos Estados, que tem soffrido a sua influencia, tem sido, ou destruidas pelas armadas Inglezas, ou condemnadas a perecer na inacção.

Os Inglezes navegão o Oceano em triunfo; dominão sobre todos os mares do Globo, e zombando dos obstaculos, que Bonaparte oppõe ao seu commercio, encontrão novos mercados em todas as regiões banhadas pelas aguas do mar.

Como o Gabinete de Versalhes conhece quanto importão os auxilios da Grã-Bretanha, para se sustentar a guerra da Peninsula, não ha genero de seducção, que não ponha em movimento para introduzir a desconfiança, e a frialdade entre os dous Governos, e para chegar ao desejado termo de os desunir. Os partidistas, que Bonaparte tem em Hespanha, cubrindo-se com o véo de patriotas, dizem que os Inglezes fazem o seu negocio, e não o da Peninsula; que ainda que os seus sacrificios são grandes, todavia não corres-

pondem ao interesse que tem em occupar Bonaparte no Continente; e que quando Hespanha mais necessitar dos soccorros de Inglaterra, então experimentará ella o mesmo desvio, e abandono, que tem experimentado já outras Potencias da Europa. Discorre assim a *Propaganda*, que o astuto Napoleão conserva em Hespanha. A que mantem em Londres toma outra linguagem, sem deixar de obrar no mesmo sentido. Diz então que a Grã-Bretanha deve prescindir do Continente, e abandona-lo á voracidade do conquistador; que senhora dos máres, e em contacto com as Nações que estes banhão, não póde jámais carecer de mercados, que alimentem a sua industria, e o seu commercio; que, o que exige a sã politica, em taes circunstancias, he fazer a paz, pôr-se em estado de economia, e remir a divida nacional, para evitar a dolorosa catastrofe de huma banca-rota. Desta arte discorrem os corrompidos, e os que sem o estar se deixão persuadir dos seus paralogismos. A paz mais custosa he sem dúvida preferivel á mais vantajosa guerra; mas esta regra não tem lugar com hum Monarca, que pela sua *Politica particular* zomba da força dos tratados; que os celebra para adormecer os que quer subjugar; que olha para a *Opinião publica* como hum fantasma incapaz de embaraçar as que chama *almas grandes*; com hum Monarca, em fim, cujo elemento he a guerra. Faltaria a Grã-Bretanha á sua dignidade, e á sua ordem, e comprometteria a sua independencia, se com taes hipotheses tratasse de paz com Bonaparte. Se os Ministros Inglezes tem consideração á preeminencia, de que a sua patria goza na Europa, feliz resultado da liberdade da sua constituição, da industria dos seus habitantes, e da extensão do seu commercio, he *politicamente* impossivel, que fação a paz com a França em vida de Bonaparte. Se os feitos da historia não tesremunhassem contra a perfidia com que este Monarca mofa das transacções diplomaticas, ainda assim ha mui poderosas razões, para não temermos que Inglaterra haja de transigir em tal contenda.

Com a paz, adquirirá a França forças navaes capazes para offender a Grã-Bretanha.
Com a paz, esta Potencia não economiza as suas despezas de mar, e terra.
Com a paz, diminue as vantagens do seu commercio.
Com a paz, em fim, debilita o seu poder federativo.

compromettendo a existencia das Soberanias, que ainda existem na Europa.

Causas são estas que justificão assás a continuação da guerra; não estão fóra do alcance de hum Gabinete illustrado; e são sobremaneira poderosas, para que nenhum Ministro possa despreza-las em huma Nação, onde as ordens d'El-Rei são insufficientes para eximir da responsabilidade a seus Ministros.

Para compor huma força naval não basta ter navios, cumpre ter marinheiros, he preciso exercita-los, e para isto se necessita de paz, para que livres os mares possão navegar constantemente. Antes de chegarem a hum certo grão de disciplina prática, não he possivel que os Francezes entrem em combate algum com os Inglezes; mas, feita a paz, Bonaparte poria em movimento os seus navios, construiria outros muitos; o commercio da França, rotos os laços que o prendem, se propagaria em todos os angulos do mundo; a pesca, e a cabotagem não ficarião ociosas; e por taes meios se poria Bonaparte em estado de tornar á luta com forças mais analogas á natureza do inimigo o mais temivel, que tem, e intentaria, sem temeridade o *desembarque* em Inglaterra. Eis-aqui como a paz habilitaria a França para usar das suas forças navaes.

Com a paz, não economiza a Grã-Bretanha as suas despezas de mar, e terra.

Quando a guerra se faz para conquistar a paz, he esta a reparadora dos damnos daquella; mas quando a paz não tem outro fim, que dispôr-se outra vez para a guerra, segundo a *Politica particular* de Bonaparte, não póde ella dar de si outro resultado, que o de novos riscos aos Soberanos, que com pouca cautella descanção em pazes taes.

Os objectos dignos da vigilancia da Marinha Ingleza são os arcenaes que França tem no Mediterraneo, e no Oceano: nestes pontos se achão reunidas as forças maritimas á disposição da França.

Os navios Inglezes que cruzão em hum, e outro mar tem enfreado aquelle poder maritimo; e se por acaso

algum navio Francez se atreve dar á vela, desde logo he condemnado a soffrer a penna da sua temeridade nos portos da Grã-Bretanha.

Mas se se fizer a paz, os pontos de observação se augmentarão, já nos mares da Europa, já nos da Asia, já tambem nos da America, e difficultosamente poderá a Inglaterra manter em todos tantas forças, como n'algum delles poderia reunir Bonaparte, para recobrar algum dos tantos dominios ultramarinos, que tem perdido.

Com a paz recobraria a Grã-Bretanha a sua communicação com os portos do Continente, que actualmente lhe estão fechados; porém isto seria com tantos embaraços, e encargos sobre a industria, e com tantos privilegios a favor da Franceza, que seria equivalente a huma prohibição absoluta.

Pelo contrario nos mercados a que actualmente acodem os Inglezes, não soffrem concurrencia alguma, nem no que vendem, nem no que comprão; por isso mesmo que dão a lei dos preços, já vendendo, já comprando.

Esta incalculavel vantagem desappareceria, se se fizesse a paz. Os Francezes concorrerião nos mercados, privativos hoje dos Inglezes; resusitarião nelles o gosto das suas fazendas de seda, e linho, em que não tem competencia, nem no colorido, nem na finura, e a farião muito grande ás fazendas de algodão.

A estas provas de raciocino podem accrescentar-se outras de authoridade irresistivel, pois são tomadas dos nossos mesmos inimigos.

Diz Mr. Gaudin, Ministro de França, na conta das rendas desta Potencia, no anno de 1807, que o zenith das rendas de Inglaterra, do seu commercio, e do seu credito fôra no anno anterior, quer dizer, depois de muitos annos da mais dispendiosa guerra.

Nos successivos ao de 1806 tem crescido as rendas, credito, e commercio da Grã-Bretanha. Está visto que a guerra longe de empobrecer os Inglezes, os enriquece.

As contas que demonstrão estes dados não são, como as de França, obra da impostura, mas sim resultados da reflexão, do exame, e da severa crítica do partido anti-ministerial.

Eis-aqui porque a Inglaterra diminuiria com a paz as vantagens do seu commercio. Tambem diminuiria com ella o seu poder federativo.

Supponha-se por hum pouco, que a Grã-Bretanha abandonasse o seu tratado de alliança com a Hespanha, e que esta desmaiasse na sua empreza de defender a independencia: o resultado seria certamente muito importante para Bonaparte, o qual daria neste caso maior extensão aos seus dominios, e perjudicial á Inglaterra, que perderia hum alliado, que lhe he tão util no Continente.

Os Soberanos que ainda existem em o Norte da Europa conhecerião em tal caso, que a tregua de que tem gozado, a devem certamente á guerra de Hespanha; pois desembaraçado della o Gabinete de Versalhes, dirigia todas as suas forças, engrossadas com a mocidade Hespanhola, contra as ditas Potencias, para as subjugar, e realizar a Monarquia universal do Continente Europeo, mania favorita de Napoleão.

A Grã-Bretanha seria então responsavel de taes resultados, se subscrevesse huma similhante paz. Porém lonje de nós tal pensamento, que nem ainda apresentado hipoteticamente deixa de ser horroroso! He pois da maior evidencia o interesse, que tem a Grã-Bretanha na independencia da Peninsula.

A Casa de Austria, antiga alliada da Inglaterra, desceo pelas suas novas relações de familia a huma nullidade politica; não póde favorecer os designios de Inglaterra, chamando a attenção do Gabinete de Versalhes com guerras no Continente. He pois necessario, que outra Potencia da Europa entre a suprir a falta do Imperador da Austria, e nenhuma o póde fazer como a Hespanha.

Esta Potencia, pela sua posição geografica, está exposta a todas as rivalidades, e tentativas ambiciosas da França, e póde ser soccorrida pela Grã-Bretanha, que pela sua localidade se acha nas mesmas circunstancias. O uso seguro dos mares, de que necessita a Peninsula para a sua communicação com as Americas, está confiado ao poder maritimo da Grã-Bretanha; e esta Potencia he interessada pela sua parte em acudir com as suas manufacturas ás precisões dos nossos mercados, a cujo sortimento não he sufficiente a nossa industria. Esta identidade de inimigos, e reciprocos interesses, de soccorros, e beneficios, são as qualidades percisas para constituir huma alliança natural, sólida, e permanente.

He muito antigo, e mui frequente o combinarem-se

as duas Potencias contra a Monarquia Franceza ; assim o affirma a historia. E se no Seculo XVIII. se observou o contrario, deve este acontecimento attribuir-se a motivos accidentaes, que ás vezes impedem a sã politica de se exercitar no que mais convem a bem dos Póvos.

Hum facto que por minha intervenção chegou á noticia do Governo, servirá de próva positiva, e addiccional ás razões expostas, cujo valor he muito grande aos olhos da razão despreoccupada.

Fui nomeado Embaixador extraordinario á Côrte de Londres em 1809; o objecto ostensivo desta missão foi comprimentar a S. M. Britanica em devido reconhecimento do generoso soccorro, com que a Inglaterra cooperava para a nossa defeza: outros objectos reservou o Governo, e importantes ao bem da Nação, para cujo desempenho era conveniente a minha residencia naquella Capital.

Como me não era facil calcular, que a generosidade dos nossos irmãos da America, tivesse os recursos, que depois desenvolvêrão, propuz, e fui authorisado pelo Governo o solicitar da Grã-Bretanha hum avultado emprestimo, para acudir ás urgencias da guerra; e S. M. Britanica me concedeo o de cento e vinte milhões de cruzados. Conheceo o Governo Inglez, que as críticas circunstancias em que se veria a Hespanha, para reintegrar tão enorme quantidade, servirião de obstaculo ao commercio de Londres, para não condescender com o solicitado emprestimo; por isso o Senhor Caning me offereceo que se faria este de Governo a Governo, (3) novo beneficio com que economisava Hespanha os offerecidos interesses dos seis por cento.

Os que conhecerem o facto, e circunspenção com que o Gabinete Inglez estabelece as suas allianças com as demais potencias; os que estiverem ao alcance da historia das confederações de guerra; os que não ignorarem a rigorosa responsabilidade dos Ministros Britanicos; os que saibão que a alliança de Inglaterra com a Hespanha tem sido feita, e manifesta, não só pelas combinações do Gabinete, mas tambem pelos votos simultaneos de todos os Condados, e Póvos da Grã-Bretanha; todos estes podem julgar se a historia apresenta hum alliado, que haja condescendido em fazer hum emprestimo tão assombroso, e se cabe em huma razão desembaraçada a mais minima sus-

peita de que a Inglaterra não obre de boa fé a favor da Hespanha; ou se he racional o temor de que ella abandone a nossa alliança. ¿ Quem não conhece, que não cabe no delirio dos homens fazer hum emprestimo tão formidavel, que ainda o solicita-lo raia com a temeridade, para abandonar em pouco tempo a Nação devedora? O Gabinete Inglez seria com effeito o primeiro crédor, que se não interessasse na prosperidade dos seus devedores, se não com outro fim, ao menos para que pudessem cumprir com as suas obrigações. (4)

Não acrediteis, Hespanhoes, que os nossos irmãos da America prescindem da causa que defendemos; elles são virtuosos; elles detestão o inimigo commum; não ignorão que a sua prosperidade está a cargo da justiça, e que o Governo conhece bem a obrigação de a proteger.

Agitado Bonaparte do vehemente desejo de se apossar da Hespanha, consultou a sua *Politica particular* sobre os meios de conseguir o seu effeito; e desta consulta resultou o plano mais atroz, que offerecem as historias. Até á época dos successos de Bayona nem todos conhecião o gráo em que a iniquidade dominava o coração de Bonaparte; a sua conducta politica até então era hum verdadeiro problema; mas alli levantou-se o véo da hipocrisia, e o Imperador descubrio que a sua ambição tinha sido a origem de todos os males, que desde alguns annos chorava a Europa. Desde logo conheceo elle o desacerto do seu plano; nem faltou quem se oppuzesse manifestamente; porém a estes, que o vulgo chama grandes homens, não he dado sugeitarem-se ao imperio da razão.

Conheceo que as Americas não alimentarião jámais a sua ambição, e para que não accudissem com os seus thesouros ao soccorro da Hespanha, pôz em movimento todas as mólas do seu genio corruptor. Nomeou por tanto Emissarios que excitassem o fogo da insurreição da America; formou proclamas em que fingia zelo pela Religião, e pela justiça, o maior inimigo que tem tido estas virtudes, mas depois que escandilizou o mundo inteiro, com as atrocidades de Bayona, já ninguem o acredita.

He certo que o fogo da discordia se ateou nalgumas cabeças, que jámais faltão nos Estados, ainda os mais tranquillos; porém tem-se acalmado em grande parte as desavenças, e huma prudente, e justa energia não per-

mittirá que durem por muito tempo as poucas que ainda restão. Nós somos muito sensiveis á gratidão para deixar de remetter a sua Sentença difinitiva á justiça, á equidade, e á sciencia de apertar cada vez mais as relações das provincias de hum mesmo Estado, por meio dos vinculos duradoiros do reciproco interesse. E os Americanos são bastante nobres para não conservar o edificio de generosidade, que levantarão sobre o esquecimento das queixas, as quaes jámais rompem o laço de fraternidade quando hum Governo paternal as ouve de boa fé, e as decide com espirito de imparcialidade.

Não bastava aos designios de Napoleão privar de sua liberdade ao nosso amado Monarca; era perciso de mais a mais que manchasse a sua reputação com o fim de o despojar inteiramente do amor dos Hespanhoes. A isto conspirão os Emissarios do usurpador.

A dynastia de Burbon (diz Bonaparte com seus sectarios) tem degenerado, e o Rei Fernando carece das virtudes precisas para o governo do Estado. São baldados os intentos de Bonaparte: os Hespanhoes não dão credito algum ás suas imposturas; o amor a ElRei está radicado nos seus proprios corações; e he cada dia mais extenso.

Todavia a justiça, o amor á minha patria, e a fidelidade ao meu Rei me impõe a sagrada obrigação de o defender, e de vingar taes imputações, já que a sorte me deparou a dita de conhecer de perto as suas relevantes virtudes, e disposições com que o Ceo o adornou, para fazer a felicidade dos seus Póvos.

Herdeiro immediato da coroa, e muito antes de a pôr na cabeça, meditou ElRei bastante sobre a obrigação de se instruir da responsabilidade que comsigo traz o exercicio da *Soberania*; e para desempenha-lo, se preparou primeiro com a lição dos Authores, que tratão da importante, e difficultosa sciencia do Governo. Desde logo conheceo que o seu estudo exigia huma applicação desembaraçada de todos os obstaculos que a podessem distrair; por isso se privou da diversão da caça, geralmente admittida entre todos os Monarcas. He este sacrificio muito proprio de hum Principe dotado da piedade mais sólida, illustrada, e isenta dos atractivos da contemplação dos palacios.

No alto lugar em que estão os Monarcas, o motivo que pode com alguma segurança conduzi-los ao desempenho da sua responsabilidade, he certamente o temor de Deos.

ElRei, em cujo coração gravou a providencia o amor á piedade, não póde deixar de o ter tambem á justiça, virtude reguladora de todas as mais, e muito particularmente necessaria aos que mandão. Ainda bem não tinha subido ao Throno Fernando VII., quando já por todas as Secretarias do despacho fez chegar logo, aos injustamente perseguidos, a determinação da sua alta justiça; huns forão restituidos aos seus empregos, e aquelles cujos cargos, estavão legitimamente providos, forão, como era justo, compensados. A bondade, e a clemencia são hereditarias nos Burbões, e Fernando não foi excluido desta preciosa herança. *O officio do Principe he fazer bem*; para isto he que se lhe conferio o poder. Penetrado, por tanto, desta verdade, apenas subio ao Throno, começou ElRei a exercitar a sua beneficencia. Hum Principe inclinado a esta virtude, não póde deixar de enriquecer a sua memoria com as vidas dos Titos, dos Aurelios, e dos Fernandos; dos Luizes XII., dos Henriques IV., dos Leopoldos, Estanisláos, e de tantos outros com que a Providencia alterna as miserias da humanidade, e concede huma tregua aos seus trabalhos. Porém não necessita Fernando tomar da antiguidade lições com que nutrir a sua beneficencia; de Jorge III. póde recebe-las as mais instructivas. (5) Estas sementes cahindo sobre o coração privilegiado de Fernando, era forçoso que o abrazassem no desejo de romper em demonstrações de beneficencia, para com huns vassallos tão acredores a ella. Assim foi: S. M. no meio das occupações urgentes, e perentorias da entrada na *Soberania*; no meio das incomodidades de huma viagem acelerada sobre fatal, lança seus olhos paternaes sobre seus vassallos dos dous mundos, e lhes diz ter subido ao Throno para seu bem; que para lho fazer melhor, lhe manifestem as suas precisões, as causas dellas, e que contribuições lhes são mais gravosas, a fim de lhas aliviar.

Abunda S. M. na maxima que devia estar impressa com letras de oiro á frente dos Thronos de que *o bem dos Póvos he lei Soberana dos Reis.* Sobre tão precioso

fundamento he facil calcular quam sólido seria o edificio de prosperidade, que sobre elle se levantasse. Esta he a regra mestra, e a pedra de toque em que devem ensaiar-se todos os Governos.

A virtude da castidade he outra das que adornão o nosso Monarca. Para a estimar em todo o seu valor, he perciso calcular quam vergonhosa he a paixão contraria, principalmente nos constituidos em dignidades elevadas; consulte-se a historia, e nos dirá que os mais famosos Principes obscurecêrão o esplendor das suas qualidades, por terem entregue o seu coração á paixão de amor; e que nos transtornos dos imperios tem sido esta inclinação huma das suas maiores mólas.

Muitas próvas poderá eu apresentar da castidade do nosso Rei, se não temesse fazer-me demasiadamente prolixo; mas não omittirei huma, que não só vem a este proposito, mas que tambem descobre a malignidade de Bonaparte.

Alexandre, vulgarmente chamado o Magno, foi o flagello da humanidade, e perturbador das Nações, aonde o levou o seu frenezi; porém tinha grandeza d'alma; tratava com decoro os seus prizioneiros, e respeitava a sua situação para os não ultrajar: isto em tempo em que a Filosofia era estudo de poucos; em hum tempo em que os Monarcas vencidos adornavão o triunfo do vencedor; em hum tempo em que (finalmente) as virtudes não tinhão modélo, e os vicios se tinhão erigido em virtudes.

Bonaparte se veste com a capa de amigo, de allia o, e conciliador, para atrahir Fernando á rede que lhe armára; ElRei por hum principio de bem, e conduzido pelo conselho, que lhe deo o zelo, e a boa fé, de quem não conhecia a Napoleão, senão com a escassa luz do manejo dos negocios diplomaticos, cahio com effeito no laço, que lhe armou o seu pérfido alliado. A desgraça porém não tem podido triunfar de Fernando; e S. M. conserva na prizão toda a sua dignidade, e decoro. Estudioso, e morigerado, e sempre bem entertido, não póde deixar de se aperfeiçoar na sciencia dos Reis, a quem são mui proveitosos os avisos da adversidade.

Não he do gosto de Napoleão que ElRei se mantenha encerrado no asylo da virtude; quer penetrar os sentimentos do seu coração; quer, em fim, desmoralisa-lo, para que seus vassallos deixem de o amar; e para tudo isto, tem of-

ferecido a seus olhos objectos capazes de transtornar huma virtude menos arreigada, e não ha meio que não tenha tentado, ainda que em vão para o entregar aos crueis suplicios de hum amor criminal; e isto! no Seculo XIX.! Passados poucos annos, depois que terminou a idade de ouro de huma Nação, a quem tanto deve a Europa em todo o genero de letras, e com hum Monarca amigo, e alliado!

Para huma conducta desta especie he necessario ter-se esquecido inteiramente do respeito que se deve á desgraça, e á seguridade do indefenso.

Penetrado ElRei das obrigações que lhe impõe a qualidade de pai do seu Povo, e particularmente da mocidade, que he a flor, esperança, e força do Estado, concebeo o benefico projecto de melhorar a sua educação, fundando-a no principio de que *todos os Cidadãos de hum Estado devem adquirir costumes, e conhecimentos, relativos ás necessidades, e bem estar do mesmo Estado.* Esta idéa, como outras muitas, não se reduzio a systema pelos fataes successos que sobrevierão em pouco tempo.

Muito antes que ElRei subisse ao Throno, já os Hespanhoes tinhão empenhado a sua gratidão, tomando parte nos seus sentimentos, e manifestando sem rebuço, que não erão indifferentes aos ultrages que soffria o Principe herdeiro da coroa pelos esforços de huma intriga inspirada pela ambição, e sustentada por huma insensibilidade que a natureza condemna.

Este amor dictado pelo reconhecimeuto, corroborando o que ElRei tem a seus vassallos pela obrigação do seu cargo, he natural que produzisse em S. M. os mais vehementes desejos de prehencher as suas obrigações, e de dar desafogo á sua gratidão; e que para isto destinasse a primeira atenção do seu paternal cuidado á Agricultura fonte a mais fecunda da prosperidade dos individuos, e da riqueza do Estado. Em prejuizo desta, por hum principio de frouxidão, e por hum resto de barbaridade feudal se sacrificarão os melhores terrenos da Peninsula ao alimento das féras. As duas Castellas, a Capital do Reino choravão as escacezes dos pastos, e arvoredos; servião estes terrenos para abrigar, e engordar os mais nocivos animaes, para cuja protecção se tinhão erigido Authoridades, e sustentava o Estado hum Exercito de empregados. Immediatamente que o Rei subio ao Throno, me mandou que expedisse huma

sua Reàl ordem, a fim de que estes terrenos voltassem para os fins reclamados pela natureza em beneficio dos homens; advertindo-me, que com mais socego se generalizaria esta providencia, para bem de huma profissão, que, senão florece, nenhum Estado póde gozar de huma prosperidade sólida, e permanente.

Esta he huma das providencias em que se empregou o desvelo do Monarca em circunstancias em que os parabens, o ceremonial com as Potencias Extrangeiras, e os cuidados que davão os Exercitos Francezes, occupavão o tempo que hum bom Rei julga perdido quando não se emprega em fazer o bem dos seus Póvos.

Fernando será guerreiro? ¿ Obrigará a seus vassallos, para que levem a outras regiões a dessolação, e o estrago? Não por certo; elle ama os seus Póvos; quer ser amado delles, e nada teme tanto como as suas maldições. Sustentará, sim, hum estado respeitavel de forças para conservar a paz; e fará a guerra no interior á perguiça, a immoralidade, á ignorancia, e á preoccupação. Tal he o conhecimento, que pude adquirir das virtudes d'ElRei no pouco tempo que tive a dita de o servir.

Calcule agora Hespanha quanto se deve prometter de hum Rei, que voltando ao seu Reino (sim voltará: a ambição o aprizionou; a ambição o conserva, e o ambicioso se enrederá nas suas mesmas redes:) voltando, digo, ao seu Reino, a cada passo encontrará monumentos de amor, de fidelidade, e do valor maior que offerecem as historias, e que excita a admiração daquellas mesmas Nações, que tem tido a vergonhosa debilidade de offerecer o seu collo ao jugo infame de Napoleão.

Monarcas da Europa, ¿ quando despertareis do letargo que vos tem ás bordas do precipicio? ¿ Até quando conservareis essas emulações particulares, que formão a venda que vos impede ver a astucia, com que o dessolador das Nações desune os Gabinetes para as conquistar na sua desunião? Esse equilibrio, por cuja conservação se tem dado mais de cem batalhas no decurso de tres seculos, nunca tem estado em maior risco do que agora. ¿ Quantas guerras tendes emprendido pela honra vã de huma salva, pela precedencia de hum Embaixador, por hum artigo de commercio, e por outras bagatéllas de nenhum contacto com a prosperidade dos vassallos? ¿ E sereis vós expectadores passivos,

quando huma Soldadesca vil, e desenfreada cubra de luto os vossos Póvos, e desterre delles a prosperidade, e a sincera moral?

Temei por tanto as maldições da posteridade, esta vos chamará a juizo; vos convencerá de serdes os authores das suas calamidades, e mandará á historia que vos transmitta de geração em geração, cubertos de horror, e de infamia. A' Hespanha deveis o goso de huma tregoa de mais de tres annos; e huma dívida de tal natureza, ¿vos persuadis que se paga com a admiração do valor Hespanhol, e elogios da sua fidelidade, e constancia? Os vossos Póvos desejão entrar no campo da gloria, á imitação dos Hespanhoes. Sempre se tem prestado doceis para sustentar as vossas insignignficantes querellas; e agora que se trata de lhes conservar a sua Moral, a sua honra, e propiedade, ¿ julgais vós que convem extinguir, e amortisar o seu nobre orgulho, e santa indignação?

A Religião, amados Compatriotas, a Independencia Nacional; e o bom nome do nosso Rei, tem sido os sagrados objectos, em cuja defeza se emprega a minha penna. Se eu não tenho acertado em desempenha-los, como pede a sua importancia, he defeito do meu entendimento, mas não da minha vontade. Esta vos offerece, o que póde dar-vos, que he huma debil próva do meu interesse pela continuação do vosso heroismo, e da veneração, e respeito que se lhe deve. ¡Oxalá tivesse eu tantas virtudes para vos rivalizar, quantos são os direitos que vós outros tendes ao meu amor!

Cadiz 10 de Dezembro de 1811.

Pedro Cevalhos.

NOTAS.

(1) Cuidadoso Bonaparte de cobrir com o véo das fórmulas, os criminaes tecidos da sua insaciavel ambição, forçou aos Hespanhoes que se achavão em Baionna (e pertencião a corpos differentes) a que comprimentassem, por escrito, a José Bonaparte, pela occasião da sua chegada á dita Cidade. Todos os papeis que eu li desempenhárão completatamente as attenções de urbanidade, e com prudente cautella não sahião hum só ponto dos devidos termos.

Os grandes desejárão que eu lhes manifestasse o meu voto sobre a sua arenga, e achando-o conforme aos seus desejos, insertárão nella a clausula, que na minha opinião devia accrescentar-se, e foi a seguinte: *os grandes se circumscrevem a estas expressões, não devendo produzir-se em outras de que não pódem usar sem estar authorisados pela Nação de quem he particular o pronuncia-las:*

Não he possivel pintar a raiva que esta clausula produzio no animo orgulhoso de Bonaparte, nem descrever sem offença dos meus leitores toda a casta de insultos que os grandes soffrerão com tão honroso motivo; porém sim referirei huma expressão de que usa Bonaparte, como de hum axioma, para sustentar que o Povo não deve influir de modo algum no Governo: *tout pour le peuple, et rien par le peuple*: como se dissera: *tudo para o Povo, e nada por meio do Povo.*

O Imperador se surprendeo ao ver que os defensores de Saragoça, sem mais fortaleza que a dos seus peitos, defendião esta Cidade, e repulsavão, ou derrotavão Exercitos costumados a render Praças da primeira ordem. Cobre-se então com a capa da compaixão: chama em seu auxilio a humanidade, e a prudencia; quer que os Hespanhoes (que a irresistivel força, em geral, reunio em Baiona) ponhão em exercicio estas virtudes, para persuadir aos heroes de Saragoça que desistão de huma empreza, que a historia tem tomado á sua conta transmittir á posteridade, para exemplo, e admiração das idades futuras; e para isso dispoz que

se reunissem em a casa que chamão do Governo, dominada por hum Castello, e tendo perto huma força de mais de seis mil homens: eis-aqui os apparatos com que o despotismo consulta o que ouza chamar livre manifestação da vontade dos Póvos; e com os mesmos quiz, que os Hespanhoes de Baionna escrevessem aos destemidos guerreiros de Saragoça, que se desviassem da carreira do heroismo; que abandonassem o thesouro da liberdade, e trocassem a gloria da independeneia pela vantagem de ser vassallos de Napoleão, cujas determinações erão irrevogaveis, e a cuja força ninguem podia resistir Assim queria que se prostituissem os Hespanhoes de Baionna, porém entre elles encontrou muitos, que desprezando as ameaças do poder, só escutárão as vozes da honra. O meu voto foi que se consultasse o da Nação; quiz que Bonaparte entendesse, que se a sua perfidia o tinha desembaraçado do Augusto, representante da Hespanha, esta nada tinha perdido de seus direitos á indepedencia: e que ainda que o principal tronco de huma Dynastia desapparecesse, não faltarião outros ramos della para lhe succeder no Throno, e para reunir os votos da Nação a este fim. Além disso ninguem duvida que desde o momento que huma Provincia, ou Reino se associa com outro, para formar hum só estado, este he principalmente interessado, em que nenhuma das partes, que o compoem, se separe do corpo geral, a quem privativameete corresponde dissolver huma Sociedade, que só por seu consentimento se estabeleceo.

(2) Francezes! que contraste! Bonaparte por hum palmo de terra derrama vosso sangue, e Luiz XVI. arrisca a sua vida para que não se verta o de seus vassallos. Bonaparte despreza o vosso amor, e Luiz XVI. dizia, que nada devião apetecer tanto os reis como o amor dos seus Póvos. Bonaparte investiga o estado das vossas fortunas, dos vosos bens, para vos atribular com exacções, Luiz XVI. congrega os notaveis para encontrar meios de melhorar a vossa situação. Bonaparte dissipa vossos thesouros para coroar a seus parentes; Luiz amando os desvalidos feicha os ouvidos ás reclamações do feudalismo, põe os olhos no cúmulo dos males, que a influencia desmedida dos Barões, e a fraqueza dos Reis transmittírão á posteridade, e determina abolir estes monumentos, que deixavão os Póvos indefesos, pelo que alguns o appellidárão o *Rei Democrata.*

(3) O officio original da concessão do emprestimo de

F 2

cento e vinte milhões de cruzados, existe no meu poder, e a sua copia autentica deve existir na Secretaria da Fazenda, a quem se remetteo em officio de 26 de Abril de 1809.

(4) Os Emissarios de Napoleão darão a este papel os coloridos proprios da sua malignidade, para fechar a porta ao desengano. Talvez dirão que bem se conhece que eu não fui mal tratado em Londres. Eu altamente os desprézo; e com demasiado amor vos amo, Hespanhoes, para vos deixar expostos a que vos accommetta este escrupulo; e assim farei ante vós a minha confissão politica!

Eu não conheço outro inimigo, senão o da minha Patria, sou amigo de quem a ama, e agradecido a quem a favorece. Não reconheço outra politica, senão a que he regularmente bemfeitora. Detesto todos os conquistadores, que por adquirirem huma Provincia tem calcado a terra com seus Exercitos, ou pela exclusiva de hum artigo commercial tem ensanguentado os máres com as suas Esquadras. Sei que a amizade dos Gabinetes se governa por outras regras, que não a amizade moral, e que seus favores se reconhecem com recompensas politicas. Faço responsaveis as grandes Potencias da Europa (inclusivamente a Inglaterra) de a ter abrazado com guerras por motivos frivolos, que condemna a politica amiga dos Póvos; porém procurarei evitar as tibiezas, desvios, e choques com huma Potencia que nos auxilia, e favorece (muito embora se diga, por interesse proprio) tanto melhor, porque estarei seguro que durará o favor por tanto tempo, quanto dure o interesse, e este como tenho mostrado não póde acabar sem que deixe de existir Bonaparte, e sem que varie a Geografia politica da Europa.

(5) Este Monarca justo, benefico, amante de seus vassallos, religioso observador da constituição, finalmente, homem de bem, tem triplicado a prosperidade da Nação Britanica em todos os seus ramos. Seus vassallos prolongarião, se podessem, com as suas vidas a do seu Rei, e desconçolados o chorão já mui perto do sepulcro; mas a Providencia lhes depara, quem enchugue as lagrimas.